
MATTEO PERDEU O EMPREGO

GONÇALO M. TAVARES





Diamond e o ensino

Há dois anos acontecera isto a Diamond, professor primário.

No lado oposto da escola existia a cantina de uma empresa. O lixo sempre fora para um pátio comum às duas instituições e havia tarefeiros que diariamente o recolhiam. Esses tarefeiros deixaram de ser pagos pela empresa e a escola não tinha meios para pagar. Os tarefeiros fizeram greve.

Não recolheram o lixo um dia, e no dia seguinte e no dia seguinte, etc. Houve um braço-de-ferro: os professores recusaram, os pais também. Ninguém tocava no lixo. Esse era um outro ofício, não o deles.

O lixo começou a acumular-se.

Primeiro no pátio da escola. Os caixotes do lixo, os pequenos recipientes originais, pareciam em pouco tempo ter a dimensão de um objecto minúsculo, de um copo. Em quatro dias, o lixo acumulava-se dois ou três metros em redor do recipiente inicial.

E a coisa não parou.

Os tarefeiros continuaram a sua greve. O lixo começou a estender-se e a subir (horizontal/vertical). Os vivos faziam lixo e as crianças eram ainda mais vivos que os vivos: faziam mais lixo.

Ao nível do rés-do-chão, as janelas das salas que davam para o pátio já há muito sentiam o cheiro e agora, duas semanas depois,

já se conseguia ver isto: o lixo subia de nível – era uma enchente, uma lenta inundação.

Os dias passaram. O cheiro era cada vez mais intenso e o pátio estava quase fechado à força pelos restos das coisas. A cada dia que passava ficava mais difícil alguém ter coragem para começar a limpar aquilo tudo. Por onde começar?

Há muito se abandonara o pátio, área já conquistada pelo inimigo – aquela parte da escola estava perdida.

Ninguém se atrevia a abrir a janela. As salas do rés-do-chão estavam tapadas por sacos pretos do lixo. No rés-do-chão – dizia-se, num tom entre o divertido e o trágico – é sempre de noite. O dia desaparecera – era uma noite permanente e, ainda para mais, fedida.

No outro lado do átrio, das janelas mais altas, viam-se funcionários a atirar mais um saco de lixo. Já não havia chão e à quinta semana o lixo subira a uma altura de mais de seis metros. A noite permanente e malcheirosa chegara ao 1.º andar.

Duas semanas depois, os alunos da quarta classe, no 2.º andar, viram essa noite – que o lixo trazia – surgir discretamente. Primeiro, um saco, depois outro e, depois, duas semanas apenas para os sacos se comprimirem contra os vidros. Noite de horrível cheiro e com uma materialidade que nenhuma outra noite tinha: os sacos do lixo empurravam os vidros, faziam pressão sobre as janelas, parecendo, afinal, seres vivos, invasores que tentavam, por todos os meios, entrar na sala de aulas. O lixo quer aprender, disse o professor Diamond aos seus alunos. Quer aprender a ler.

Esta observação, quase lúdica, em breve se tornou uma frase tensa, que metia medo.

Diga-se que Diamond, naqueles dias em que deu aulas com as janelas totalmente fechadas, uma ou outra vez se pôs a pensar se

aquilo não seria uma tentativa de regresso à civilização por parte dos próprios materiais, dos restos que existiam no lixo. Porque o que estava naqueles sacos era o que muitos haviam expulsado do mundo humano; era o considerado já inútil e, por isso, com uma natureza que não a humana. O lixo era para pôr fora, para pôr longe, para afastar da cidade.

E assim Diamond tinha a ideia fixa de que o lixo queria regressar a esse mundo através de uma das suas marcas mais fortes: a alfabetização. O lixo quer aprender a ler para mostrar que não merece ser expulso, e que ainda pertence ao mundo civilizado. Assim pensava e assim pensou ainda Diamond, quando a certa altura a concentração dos sacos no pátio e a pressão exterior sobre a janela foi tanta que alguns sacos, em conjunto, quebraram um vidro e, pela primeira vez, de uma forma absolutamente dramática para Diamond e para os seus alunos, o lixo e o fedor de uma matéria, que se degradava a cada dia, entrou em plena sala de aula.

O que lhe aconteceu a ele, no 2.º andar, acontecera, dias atrás, aos outros seus colegas dos andares inferiores. Os vidros não tinham suportado a pressão e o lixo começara a entrar nas salas.

Apesar da forma brutal como o lixo entrara na sala, quebrando um dos vidros, dali não resultara qualquer ferimento. Há muito que o professor Diamond afastara as carteiras dos seus alunos para o lado oposto.

Mas o que agora havia a fazer era isto: continuar o movimento já iniciado. Os alunos deslocavam-se cada vez mais para o lado oposto às janelas.

O corredor próximo da janela estava já todo coberto de lixo. Mas no centro e no lado esquerdo da sala a verdadeira civilização não parava, como Diamond fazia questão de repetir. E, assim, nesse lado, Diamond ensinava as formas verbais complexas e tentava que os alunos apreendessem algumas noções de história.

A inundação porém não tinha fim. Algures, num outro lado, a produção de lixo continuava. Lá de cima, do céu (não havia outra referência), a intervalos quase sincronizados, caía um saco cheio de lixo. Quem fazia aquilo? Será que naqueles andares do topo não se tinha a noção de que em baixo estava uma escola, agora praticamente soterrada?

Mas que importância tem uma explicação quando é urgente fazer algo? (Diga-se que quanto aos sacos nada havia a fazer: a tentativa de retirar um saco do lixo da sala para o exterior falhava. Os sacos que enchiam o pátio funcionavam como uma parede. E nenhuma matéria atravessa uma parede.)

Todos os outros professores, entretanto, tinham desistido. A escola estava deserta. Os andares de baixo, completamente invadidos pelo lixo, haviam sido evacuados. Mas Diamond recusara-se a ceder. Tornara claro que continuaria a dar aulas e a marcar faltas aos alunos que não comparecessem. Quem não viesse às aulas, não passaria de ano.

Com dificuldades, saltando sacos de lixo fechados e tentando não escorregar em alguns detritos que tinham saído de sacos já rompidos, tanto os alunos como o professor Diamond lá chegavam pontualmente às nove horas à sua sala cada vez mais diminuta, cada vez mais transformada num corredor – o corredor oposto às janelas onde o lixo se acumulava como num armazém. E era nesse corredor, num corredor com largura máxima de dois metros, que se concentravam agora vinte e duas crianças e um professor; um professor teimoso, Diamond. Um professor que queria provar que a barbárie nunca poderia vencer a persistência da civilização.

Às nove da manhã, com lenços a proteger o nariz e o rosto, professor e alunos começavam o acto de resistência.

Diamond dizia: – Bom dia, como se o dia fosse um dia normal. E os alunos afastavam um ou outro saco que desde a véspera tivesse invadido o corredor.

Três quartos da sala estavam já ocupados pelos sacos de lixo, mas faltava aquele último espaço. E era nele, nessa fatia de espaço sobrevivente, que todos, muito juntos uns dos outros – vinte e dois alunos, vinte e duas crianças, continuavam a ouvir o professor Diamond que, contra todas as expectativas, conseguiu acabar o ano como previsto, ensinando o que o manual exigia. E dali, daquela sala, dos alunos de Diamond, haviam saído, não vinte e dois alunos para o ano seguinte, mas sim vinte e dois homens para o mundo. E desses vinte e dois alunos que, com Diamond, tinham resistido até ao fim – sem uma única desistência – agora já homens, se dizia que não eram homens normais, mas sim elementos de outro calibre. Deles se dizia, em voz baixa e retomando a lenda antiga, que agora, já adultos, eram afinal os vinte e dois homens que evitavam que o mundo sucumbisse.

Cada um seguiu o seu caminho, a sua profissão; muitos mudaram de terra, de país, mas, se por acaso se cruzavam, de imediato reconheciam-se. E até os outros homens quando se cruzavam com um deles murmuravam: este é um dos vinte e dois, uma das vinte e duas crianças.

E sim, tal era ainda mais verdade depois de o professor Diamond morrer: aqueles vinte e dois homens estavam vivos para resistir.

Um desses vinte e dois homens chamava-se **Einhorn**, e era porteiro.